

O GÊNERO TIRAS EM QUADRINHOS: ANÁLISE DE ALGUMAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Francimeire CESÁRIO DE OLIVEIRA²⁴

Ana Alice de Freitas Neta ARAÚJO²⁵

Rosângela Maria Bessa VIDAL²⁶

Resumo: A finalidade deste artigo é apresentar algumas estratégias discursivas (e/ou linguísticas) mais recorrentes no gênero tiras em quadrinhos, cujo *corpus* é constituído de cem tiras, de autoria do quadrinista Laerte, disponível na Internet (www.uol.com.br/laerte). Seleccionamos apenas oito tiras para análise. Para refletir sobre a noção de gêneros partimos da perspectiva de interação verbal e dialógica subsidiadas pelo contexto social. Tais análises evidenciaram que a estrutura teórica adotada (respaldada em Bakhtin) contribui para entender fenômenos sociais ocorridos na e pela linguagem, e que o gênero em análise, visto pelo âmbito discursivo, incita funções semânticas e contextuais para o ensino de língua.

Palavras-chave: Interação verbal. Gêneros textuais. Contexto social. Tiras em quadrinhos.

Abstract: *The purpose of this paper is to present the discursive strategies (and/or language) more applicants in the comic strip genre, whose corpus is comprised of one hundred strips, written by comic Laertes, available on the Internet ([www.uol.com.br / Laertes](http://www.uol.com.br/Laertes)). We selected eight strips for analysis. To reflect on the notion of genre from the perspective of verbal interaction and dialogue subsidized by the social context. Such analysis showed that the theoretical framework adopted (backed by Bakhtin) helps to understand social phenomena occurring in and through language, and that the gender analysis because the scope of discourse semantic functions and contextual prompts for language teaching.*

²⁴ Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF) e aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL (Mestrado) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado “Profª. Maria Elisa de A. Maia” – CAMEAM, Pau dos Ferros, RN, Brasil. E-mail: meire.c@hotmail.com.

²⁵ Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF) e aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL (Mestrado) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado “Profª. Maria Elisa de A. Maia” – CAMEAM, Pau dos Ferros, RN, Brasil. E-mail: anaaliceneta@hotmail.com.

²⁶ Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF) e professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado “Profª. Maria Elisa de A. Maia” – CAMEAM, Pau dos Ferros, RN, Brasil. E-mail: rosangelauern@gmail.com.

Keywords: *Verbal interaction. Text genres. Social context. Comic strips.*

Introdução

Mediante a pretensão de se trabalhar com o gênero tiras em quadrinhos surgiu como primeira preocupação a necessidade de estruturar uma proposta de *como* trabalhá-lo, já que é tão recorrente em provas de vestibular, ENEM, SAEB, entre outras, e, sobretudo muito presente nos livros didáticos, porém, quase sempre, esse tipo de texto não é tratado na perspectiva do gênero discursivo/textual. Muitas vezes, se analisam apenas *segmentos* ou *tipos de sequências textuais*, recortando e rebaixando a análise a fragmentos, perdendo então, seu contexto, comprometendo, pois, as relações de significado e sentido.

Inclusive, antes do início deste trabalho, foram observadas quatro coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa do ensino fundamental (nível II) PNDL 2011 e apenas uma delas trabalha um gênero similar: a história em quadrinhos, mas todas utilizam, por demais, tiras em quadrinhos e histórias em quadrinhos nas atividades e em seções como “ler é diversão”, “só para ler” ou como ilustração de temáticas. Desse modo, a construção textual que resulta em produção de sentidos não é considerada.

Dizemos “estratégias discursivas”, nesse trabalho, como também linguísticas, porque ao pensarmos numa determinada intenção, fazemos escolhas e arranjos linguísticos adaptados ao contexto social para obtermos os resultados de significação, e tal evento ocorre por meio da interação verbal, daí permitir construções que fazem uso de um discurso apropriado para a intenção pretendida. A partir desse processo se constitui um repertório de estruturas enunciativas que orientam o falante no uso da língua e na compreensão dos discursos produzidos. Dizemos “linguísticas também” porque compreendemos que, no processo discursivo, é necessário recorrer a elementos linguísticos para a efetivação do mesmo.

Nesse sentido, este trabalho se propõe a discutir algumas estratégias discursivas, logo linguísticas também, no gênero tiras em quadrinhos que visam a uma produção de sentido, tendo em vista mecanismos discursivos que dão procedência ao senso de humor. Há também a pretensão de demonstrar que algumas construções linguísticas não

coincidem com os postulados descritos pela gramática normativa, porque atendem aos apelos comunicativos dos usuários.

Tais práticas, congregadas ao universo didático, são subordinadas a um novo paradigma teórico, cujo respaldo se encontra nos estudos que tomam como foco de investigação o enunciado, fundado por Bakhtin, propondo a tese de que todo enunciado só pode ser compreendido no interior de um gênero discursivo.

Esse paradigma que, considera as práticas sociais em seu contexto, inspira uma diversidade de análises para os gêneros. É o caso de Bronckart, Swales, Bazerman, Schneuwly e Dolz, que se aliam a essa perspectiva social dada aos gêneros. No caso deste trabalho, nos limitaremos a apresentar apenas a proposta do primeiro dentre esses citados, além de expor também um pouco da proposta fundante de Bakhtin.

Tendo em vista a grande efervescência do conhecimento na sociedade contemporânea, é notório o uso da informação como meio de veiculação desse conhecimento. A informação circula por diversos meios e por diversos gêneros discursivos/textuais e é amplamente disseminada com as novas tecnologias da comunicação e informatização. A formação de leitores críticos, capazes de interagir com a sociedade em que vive, pode ser aprimorada a partir da observação de diferentes níveis de leitura de gêneros discursivos/textuais que compõem sua realidade, contribuindo para a construção de seu conhecimento.

Quanto ao gênero discursivo/textual tiras em quadrinhos, sabemos que durante muito tempo esse gênero foi visto como objeto de leitura de baixa qualidade textual, logo, esquecido na esfera educativa que privilegiou e, geralmente, ainda privilegia os textos canonizados, principalmente literários.

Com os estudos discursivos que se apoiam nos estudos de língua enquanto entidade de uso nas diversas situações comunicativas, advindas da proposta de interação verbal, a leitura das tiras em quadrinhos passaram a ser vistas sob uma nova ótica.

Este novo ponto de vista passa a apreciar o estudo dos diferentes gêneros discursivos/textuais, havendo assim, interesse nos mais variados discursos que circulam socialmente, como consequência motivando a investigação dos fatores linguísticos, semânticos e pragmáticos voltados para a leitura de textos, antes marginalizados tanto no meio escolar, quanto no acadêmico e no social.

A partir de agora este trabalho prossegue com os seguintes direcionamentos: fundamentação teórica; uma breve descrição dos procedimentos dados a este;

considerações analíticas sobre o gênero tiras em quadrinhos com demonstração de algumas estratégias discursivas nesse gênero, que serão confrontadas com o que é proposto pelas gramáticas tradicionais, por fim, sucintas e provisórias conclusões.

Fundamentação Teórica

Com Bakhtin, a noção de gênero é trazida para o âmbito das interações sociais. Seus estudos ressaltam as formas enunciativas como relativamente estáveis no modo de configuração dos textos que cumprem um papel social.

Desse modo, em toda situação comunicativa (oral ou escrita) há um caráter organizacional para as interações verbais, socialmente constituídas. A partir deste ponto de vista, a definição de gênero corresponde a todo sistema regulador de produção discursiva circulante em uma sociedade, cujo propósito é traduzido em efeitos resultantes da postura interacional que os sujeitos assumem, mediante as atividades cotidianas.

Essa visão modifica os rumos para o estudo da linguagem, em que o sistema passa a ser observado por meio do funcionamento dessa linguagem que, se manifesta em diferentes gêneros discursivos/textuais, causando, assim, várias contribuições no modo de ler e de compreender os enunciados.

Com a noção de gênero do discurso se observa um intenso deslocamento das práticas de leitura no que concerne ao modo de organização das atividades de interpretação no espaço escolar. Passamos a considerar não somente os elementos estruturais e as informações linguísticas do texto, mas também elementos correspondentes às pistas textuais, inferências, as supostas intenções, as relações do gênero e seu suporte, o papel social dos enunciadores e a articulação entre forma linguística e sua contribuição para a compreensão do sentido pretendido, embora essa última seja vista de forma tímida.

Por essa ótica, o ato de linguagem é um fator relevante para o engajamento de aspectos ideológicos, culturais, históricos em toda gama de abrangência da linguagem. Tais aspectos foram acrescentados nas configurações teóricas que se respaldam no funcionamento da língua e na sua ação comunicativa, proeminências relevantes para o quadro dos estudos discursivos. Analisamos, nesse âmbito, que essa relação descrita é

essencialmente dialógica. É assegurada e manifestada pelo que Bakhtin definiu como gênero do discurso.

O dialogismo é um dos fatores essenciais na teoria bakhtiniana, o qual se configura como um elemento de suma relevância para o ato comunicativo, permitindo a produção e a compreensão de sentidos e, sendo que, nesse intento, todo ato comunicativo se cumpre por meio de um dado gênero, tornando-o fundamentalmente dialógico.

Segundo relaciona Machado (2007), o ato dialógico é um evento que acontece na unidade espaço-tempo da comunicação social interativa, sendo por ela determinado e acrescenta:

A concepção do ato dialógico como evento, que ocorre como determinação de um espaço-tempo, é uma elaboração central do pensamento bakhtiniano no sentido de firmar o dialogismo como ciência das relações. Somente enquanto unidade espaço-temporal é possível realizar o mapeamento das enunciações. (MACHADO, p.193)

Ainda seguindo o pensamento de Machado (2007), acreditamos que as relações dialógicas supõem enunciados concretos, não estando sobrepostos no sistema da língua porque são elaborados no processo da interação sócio-histórica. Compreendidos assim porque os gêneros discursivos são entidades anexadas aos enunciados e não às estruturas linguísticas, resultando em formas textuais materializadas nos gêneros. Bakhtin relativiza a expressão linguística e se apoia num conceito amplo de dialogismo.

Os aspectos constitutivos do gênero demonstram-se como uma realidade necessária a partir dessa perspectiva, tais como as condições de sua produção, os campos discursivos, os possíveis papéis sociais dos sujeitos, a sua função social na interação, visto que moldamos nosso discurso em forma de gêneros.

Como a utilização da língua, para Bakhtin, se faz sob a forma de enunciados, então, são nivelados ao estado real da comunicação discursiva. Ao endossar a noção de enunciado, por sua vez, amparada nos pressupostos dialógicos, considera o contexto verbal e o extraverbal (aspectos situacionais, históricos, ideológicos) na concepção de língua.

O enunciado, sob o foco bakhtiniano, assegura o espaço do outro na dinâmica discursiva e, conseqüentemente, compõe-se no curso de múltiplas vozes que ecoam nas

mais diversas situações de comunicação no movimento de alternância dos sujeitos do discurso.

Retornando aos aspectos constitutivos do gênero, o autor em discussão elenca três pilares de sustentação da noção de gênero que são o conteúdo (temático), o estilo verbal e a construção composicional. Contudo, tais pilares não devem ser entendidos de forma aleatória em sua teoria, pois ele mesmo expõe a ideia de unidade entre esses aspectos constituintes do gênero discursivo.

De acordo com Ribeiro (2010, p.57): “O elemento conteúdo temático, portanto, contemplaria aspectos peculiares ao sujeito, que participam diretamente da enunciação, como sua vontade, sua singularidade, conhecimentos semânticos construídos coletivamente nas práticas sociais”. E nesse sentido “cumpriria o papel de orientador da comunicação discursiva”.

Sendo assim, ele está relacionado aos juízos de valor que se faz do objeto num contexto real de comunicação, motivando a significação dos enunciados decorrentes do uso da língua, e numa pertinência em que o conteúdo temático para se constituir como tal precisa garantir significação. Nesse sentido, não se trata apenas da questão temática de um dado gênero, mas de um vértice em que o sujeito se abriga de modo dinâmico para focar a enunciação.

Quanto ao estilo, Bakhtin menciona que ele é tanto individual quanto coletivo, porque tanto trata das peculiaridades do sujeito (estilo individual), como do amplo alcance das práticas sociais de linguagem que o sujeito faz uso, gerenciadas por aspectos culturais e ideológicos, o que garante certa estabilidade e, assim, indicando o estilo do gênero para cada momento de uso contextual da língua. Como bem reforça Ribeiro (2010, p.59), “A ideia de que o estilo é resultante tanto das escolhas individuais como da ordem modelada pela coletividade condiz com a premissa de que o sujeito não é assujeitado pelo meio, como também não age de maneira soberana, sem qualquer influência desse meio.”

E Bakhtin (2000, p.283-284) acrescenta que:

O vínculo indissociável, orgânico, entre estilo e gênero mostra-se com grande clareza quando se trata do problema de um estilo linguístico ou funcional. De fato, o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana. Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados sentidos. [...]

Já em relação à construção composicional, esta se projeta a partir da escolha de elementos linguísticos e discursivos, amparados por um contexto social, que sustentarão o gênero e garantirão seu acabamento (mesmo que provisoriamente), ou seja, ele precisa de um formato para se materializar, contudo, deve se considerar que os sujeitos assumem papéis sociais que lhes asseguram uma tomada de posição diante dos fatos e, para isso, faz uso dos recursos disponíveis na linguagem, não implicando somente num parâmetro de escolhas, mas estas estão subordinadas a elementos como intencionalidade e contexto discursivo.

Dado a essa materialidade ele adquire aceitabilidade mediante registros procedentes do uso da língua, sendo perceptível de observação e tornando-se um recurso caracterizador de determinados gêneros, mas sempre com perspectiva de transformação devido ao estado móvel das atividades de linguagem. Nesse sentido, Ribeiro (2010, p.60) frisa que “A construção composicional cumpre a função de integrar, de sustentar e de ordenar as propriedades do gênero.”

Os relatos teóricos se voltam, a partir de então, para a proposta de Bronckart, da qual conforme Machado (2005) é interessante destacar dois pontos antes de apresentar sua linha de estudo, a qual é denominada de Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD).

Primeiro, que conceito de gênero não se dá de forma isolada em Bronckart, devendo ser contextualizado no conjunto dos estudos da psicologia da linguagem e da didática da língua. O grupo formado por Bronckart, Schneuwly e Dolz buscou construir e dá relevo ao ISD. A fonte de referência deste grupo é Vygostky e a abordagem é marxista. Assim, o ISD é de interesse do Grupo de Genebra, de onde Bronckart é membro.

Segundo ponto, as unidades de estudo do ISD são as ações verbais e não verbais, ao contrário do que supõe pensar, a princípio, que sejam os gêneros de textos.

Quanto à conceituação de gênero de texto, sua definição subjacente a esse grupo é a de que “gênero de texto é aquilo que sabemos que existe nas práticas de linguagem de uma sociedade ou aquilo que seus membros usuais consideram como objeto de suas práticas de linguagem.” (MACHADO, 2005, p.242).

Já o conceito de *tipos de discursos* ou *tipos discursivos* aparece na obra do grupo de forma mais elaborada mantendo-se como um conceito central para compreender a relação com *gênero de texto* que ainda não se encontra bem construída.

Diferentemente da Linguística Textual em que o texto é o objeto de estudo, no ISD o texto é periférico e o que é central é o entorno social do texto.

No ISD, os *tipos de discurso* são segmentos de *textos* ou até mesmo um texto inteiro, com propriedades particulares que se projetam em níveis distintos: no nível semântico-pragmático, mostram determinada relação com o *contexto físico de produção*; no nível morfossintático, cada um deles apresenta um conjunto de *unidades linguísticas* discriminativas; no nível da planificação, os conteúdos dos diferentes tipos de discurso podem se apresentar organizados em *sequências textuais* ou em *scripts e planificações*; no nível do texto, os tipos de discurso podem ser definidos como *segmentos constitutivos dos textos*, mas de forma variável – um ou vários *tipos de discursos*. (MACHADO, 2005, p.242-243).

Há quatro tipos de discursos básicos: *interativo, teórico, relato interativo e narração* e se observa ainda que os *tipos de discurso* podem se mesclar, dando lugar a segmentos de texto com características *discursivas* de dois tipos, ocorrendo o que para a Linguística Textual se chama de interdiscursividade.

Bronckart (1996a *apud* MACHADO, 2005) reformula o conceito de *sequência textual* apresentado por Adam (1992). Para ele, as *sequências* são de seis tipos: dialogal, descritiva, narrativa, explicativa, argumentativa e injuntiva.

Há várias características das *sequências* nos diferentes níveis: no nível semântico-pragmático, elas são fundamentalmente dialógicas; no nível morfossintático, as *sequências* caracterizam-se por apresentar um plano constituído por um número *n* de fases; no nível psicológico, elas implicam *operações discursivas* desenvolvidas pelo produtor para organizar os conteúdos; no nível teórico – e só nele – elas se constituem como *protótipos*; no nível de sua relação com os *tipos de discurso*, seriam em grande parte determinadas pelos *tipos de discursos*; no nível da relação com os *textos*, não há qualquer relação obrigatória entre os tipos de *sequências* e os *textos*.

Conforme a posição do ISD, não é possível definir ou classificar todos os *gêneros* existentes pelo critério de *sequência*, nem que um *gênero* se diferencia de outro por apresentar um tipo de *sequência* e não outro, mas, geralmente, os *gêneros* têm uma *sequência* predominante.

De acordo com Machado (2005, p. 248), que se baseia em Bronckart (1996a), podemos afirmar que os autores passaram a considerar que os *gêneros de textos* nunca podem ser identificados e definidos apenas com base em suas propriedades linguísticas, devendo-se abandonar qualquer projeto de identificação-definição-classificação dos textos com base, exclusivamente, em suas propriedades internas, como se verá com mais detalhes à frente, neste texto.

O ISD propõe, a partir de um ponto de vista sócio-histórico, algumas considerações sobre *as atividades sociais*. Dentre algumas, se diz que elas são agentes determinantes do funcionamento psíquico humano e das ações e suas realizações; a diferenciação das *atividades* provoca o surgimento de novos instrumentos para cada uma delas, e na relação com os gêneros [*as atividades*] agregadas aos aspectos sócio-históricos constituem os *gêneros de textos*.

Segundo Bronckart (2001 *apud* MACHADO, A., 2005, p.250) “os *gêneros de textos* constituem-se como *pré-construtos*” em que nossas *ações de linguagem* estão em constantes avaliações sociais.

A autora ainda relata o caráter de modificação dos gêneros defendido por Bronckart, como se pode observar:

De acordo com Bronckart (1996a), os conhecimentos construídos sobre os gêneros estão sempre correlacionados às representações que temos sobre as situações sociais diversas em que atuamos. É com base nesses conhecimentos que o produtor “adota” um gênero particular que lhe parece ser o mais adequado a determinada situação. Esse processo, entretanto, quase nunca é uma simples reprodução de modelos de gêneros disponíveis [...]. Na realidade, estamos diante de um processo de reprodução-adaptação de determinado gênero, gerador de novos exemplares de textos, mais ou menos diferentes dos modelos preexistentes. (MACHADO, A., 2005 p.251).

A tônica dos estudos de Bronckart (1999) é noção de texto, da qual decorre o estudo do gênero textual. Para tanto, ele define o texto em três níveis, consideração comum nesses três níveis é do texto como produção de linguagem provinda das atividades humanas. A primeira definição caracterizada como geral é:

A noção de texto designa **toda unidade de produção de linguagem** que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário. Consequentemente essa unidade de produção de linguagem pode ser considerada com a **unidade comunicativa** de nível superior (BRONCKART, 1999, p.71 – grifos do autor).

A segunda definição dada como as “espécies de texto” considera que: “Os textos são produtos da atividade humana e, como tais, estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no ser das quais são produzidos.” (BRONCKART, 1999, p.72). Depois, os textos são tidos como singulares ou “empíricos”, cuja designação é de “uma unidade concreta de produção de linguagem, que pertence necessariamente a um gênero, composto por vários tipos de discurso, e que também apresenta os traços das decisões tomadas pelo produtor individual em função da sua situação de comunicação particular.” (BRONCKART, 1999, p.77).

A cada nível vão gradualmente se agregando novos elementos, de modo que, na primeira aceção, se limita a reconhecer a organização e os tamanhos diferentes dos textos. Apesar desse caráter, os textos têm características comuns, e esta definição se liga mais ao nível da concepção de linguagem enquanto comunicação.

A segunda se detém nas modificações sociais e históricas que influenciam os modos de linguagem, implicando numa variedade de critérios para classificar os gêneros. Daí se pautar numa concepção de linguagem do ponto de vista do seu funcionamento.

A terceira ajusta a relação do agente verbal às situações particulares, em que propaga tipos de discurso que expressam sua singularidade, com conhecimento a respeito de gêneros e dos tipos de discurso em uso que constituem como modelo social. Assim, se liga a uma concepção que considera a produção de linguagem enquanto gênero.

Desse modo, o autor em pauta considera “que os textos são unidades, cuja organização e funcionamento dependem de parâmetros múltiplos e heterogêneos: situações de comunicação, modelos de gêneros, modelos dos tipos discursivos, regras dos sistemas da língua, decisões particulares do produtor, etc.” (BRONCKART, 1999, p.77).

Bronckart (1999) acredita que os gêneros ainda continuam a ser uma entidade epistemológica e metodologicamente complexa, e um aspecto que colabora para isto é a multiplicidade de classificações existentes. Além disso, nenhuma delas sozinha pode ser considerada consistente, se pautando em vários critérios. Entre tantos, são citados:

- Critérios baseados nas esferas de atividades humanas: gêneros literários, científicos, jornalísticos, etc.;

- Critérios baseados no efeito comunicativo: gênero épico, poético, lírico, mimético, etc.;
- Critérios baseados no tamanho e/ou no tipo de suporte utilizado: romance, novela, artigo de jornal, reportagem, etc.;
- Critérios baseados no conteúdo temático: ficção científica, romance policial, etc.

Além desses critérios, outra dificuldade é o caráter histórico e maleável dos gêneros, pois alguns desaparecem, outros se renovam; novos aparecem e outros ainda não receberam uma nomenclatura bem definida, caracterizando a dinamicidade das produções textuais que são volúveis ao decurso da história e às modificações sociais, como bem enfatiza Bronckart, (1999, p.74):

Desse modo, a organização dos gêneros apresenta-se, para os usuários de uma língua, na forma de uma *nebulosa [sic]*, que comporta pequenas ilhas mais ou menos estabilizadas (gêneros que são claramente definidos e rotulados) e conjuntos de textos com contornos vagos e em intersecção parcial (gêneros para os quais as definições e os critérios de classificação ainda são móveis e/ou divergentes).

O autor enfatiza que embora o gênero textual, (nomenclatura adotada por ele diferente de Bakhtin que usa gênero do discurso) se componha por unidades linguísticas, não pode ser definido apenas por esse critério, mas seriam definidos os segmentos que compõe o gênero, permitindo classificá-los e conhecê-los por esse critério.

Por se relacionar às práticas de atividades sociais, os gêneros são múltiplos, enquanto os segmentos são limitados. Esses segmentos fazem parte da composição do gênero, os quais ganham significado e sentido na dimensão discursiva envolta pelas práticas sociais e, ao mesmo tempo, sendo corporificado por estruturas linguísticas que adquirem regularidades no uso; conjuntura essa chamada de tipos de discurso.

Nessa perspectiva, seja qual for o gênero a que os textos pertençam são sempre compostos por segmentos variados e é nesse nível (dos segmentos) que é possível identificar as regularidades de organização e de marcas linguísticas.

Bronckart (1999) cita Foucault (1969) para inspirar sua designação a respeito do funcionamento dos discursos. Ele adota de Foucault a noção de *formação discursiva*, quanto aos modos de relação do discurso entre si e entre as diversas ordens (econômica, social, política, etc.) que caracteriza o discurso como prática. Relacionando essa noção a

sua teoria “teríamos uma *formação discursiva*, a cada vez que ocorressem certas regularidades (de ordem, de correlação, de posição, de transformação, etc.) entre os tipos de enunciações, os conceitos e as escolhas temáticas observáveis nos enunciados efetivos.” (BRONCKART, 1999, p.140).

A noção de formação discursiva de Foucault inspira a formação sócio-discursiva de Bronckart que designa “as diferentes formas que torna o trabalho de semiotização em funcionamento nas formações sociais.” (BRONCKART, 1999, p.141).

Bronckart (1999) também cita Bakhtin para destacar a noção de *interação verbal* que implicou diretamente no “domínio da ação propriamente dita e no domínio das produções de linguagem.” (BRONCKART, 1999, p.141). A noção mais influente neste âmbito é a definição para os gêneros do discurso que se pauta como enunciado que se reelabora no uso da língua em “tipos relativamente estáveis”, nos quais os enunciados em uso se constituem.

Destaca ainda a heterogeneidade constitutiva dos gêneros, lamentando ser um tema inacabado em Bakhtin, mas de grande relevância para os estudos da linguagem. Também aborda quanto aos problemas com a terminologia bakhtiniana. Por isso, Bronckart (1999, p.143) resolve propor seu quadro de terminologia: as formas e tipos de interação de linguagem são chamados em Bronckart de *ações de linguagem*; gênero do discurso, gênero do texto e/ou formas estáveis de enunciados de *gêneros de textos*; enunciados, enunciações e/ou textos, acatados como *textos*; as línguas, linguagens e estilos de *tipos de discurso*.

Portanto, no paralelo entre Bakhtin e Bronckart atentemos para os termos específicos que cada abordagem utiliza nos seus construtos teóricos. Não podemos, portanto, esquecer que Bakhtin é o precursor da teoria divulgada por Bronckart. Se este utiliza uma nomenclatura diferente daquele pode ser por questões de escolhas e/ou inovações incitadas por suas pesquisas.

Metodologia

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas estratégias discursivas e linguísticas no gênero tiras em quadrinhos e também demonstrar que os recursos linguísticos nelas utilizados não encontram respaldo na gramática normativa para

explicá-los, pois são recorrentes do uso da língua. Aspectos estes que colaboram para a produção de sentido, como se pretende revelar durante as análises.

Mediante isso, o primeiro procedimento foi discorrer fundamentos teóricos sobre gêneros discursivos/textuais, optando por apresentar uma linha teórica de cunho social baseada na interação verbal defendida por Bakhtin. Para tanto, tecemos algumas considerações a respeito de Bakhtin e de Bronckart, este último como um continuador e divulgador do terreno teórico preparado pelo primeiro.

O procedimento seguinte foi a coleta de dados para montar um *corpus* de textos do gênero tiras em quadrinhos, todas de autoria do quadrinista Laerte e recolhidas em mídia virtual (site: www.uol.com.br/laerte). Esse *corpus*, no momento, se encontra composto por cem tiras, mas para este trabalho foram selecionadas apenas duas tiras para cada recorrência que será abordada na análise de dados, totalizando uma amostragem de oito tiras em quadrinhos.

A análise de dados se ampara tanto no referencial teórico como em observações empíricas, dado algumas ocorrências serem justificadas num parâmetro comparativo com os postulados da gramática normativa, ao serem confrontadas com construções discursivas, ainda não gramaticalizadas.

Quanto ao parâmetro temporal de produção ou divulgação das tiras em quadrinhos que compõem o *corpus* não há nenhuma referência no site mencionado, sabemos apenas que alguns personagens começaram a ser produzidos na década de 1980 e outros começaram a ser publicadas na *Folha de S. Paulo* a partir da década de 1990. Outra referência de tempo (vaga) é que, na web, o site do Laerte entrou no ar em 1998. Ao certo sabemos que todas essas tiras foram publicadas na *Folha de S. Paulo*, mas no suporte de coleta a que recorreremos (porque nos é mais disponível) elas são publicadas aleatoriamente quanto às referências de tempo.

Análise dos Dados

A princípio, cabe endossar a caracterização das tiras em quadrinhos como *tipos relativamente estáveis de enunciados*, de acordo com o conceito bakhtiniano. Caracterizadas por seu *conteúdo temático*, *estilo* e a *construção composicional*, buscam refletir o contexto social no qual estão inseridas, pois fazem uso de ricos processos de linguagem que possibilitam pensar sobre o uso da língua e contribuem na elaboração de

um discurso (que reflete, geralmente, o cotidiano). Sendo assim, gênero do discurso na visão de Bakhtin.

Seu conteúdo se anexa a discursos geralmente críticos e com fundo humorístico, cujo estilo verbal se emoldura conforme as intenções propositais de seus produtores, situações, nível de linguagem dos personagens etc.

A construção composicional se apropria da escolha de elementos discursivos e linguísticos dos mais diversos, sempre respaldado num contexto social. Sua materialização é verbal e semiótica, faz uso de inúmeros recursos disponíveis na linguagem, como escolhas linguísticas, estas submissas a intencionalidade e contexto discursivo, não apenas para manter contato na cadeia das interações verbais, mas principalmente para ironizar alguma situação do contexto social imediato.

É essa materialidade que funda as propriedades desse gênero, composta por quadros sequenciais (entre 3 e 4), envolvidos na massa discursiva com linguagem verbal e não-verbal. Quanto a essa linguagem, há a integração de ambas, relação que atua na operação dos significados. Para tanto, são acionados recursos linguísticos, cognitivos e interacionais em seu processo de compreensão. Vale salientar que, esses tipos de linguagem não atuam isoladamente, mas de modo interativo guiado por mecanismos que ativam a produção de conhecimento (leitura/compreensão/interpretação/sentidos).

Quanto à relação fala e escrita, instância de representações diferentes que se processam num contínuo, os gêneros em quadrinhos são concebidos por meio da escrita, mas procuram simular a fala. Para isso, incorporam vários elementos da oralidade. Daí o uso abundante de recursos linguísticos (interjeições, reduções vocabulares, onomatopeias, letras dobradas e destacadas) e marcadores discursivos que visam dar ênfase a uma ideia que a escrita convencional não consegue registrar.

Segundo o pensamento de Ramos (2010, p. 56), na leitura dos quadrinhos há uma hibridação de signos verbais escritos e não verbais que “agregam signos de três ordens: icônica (representação dos seres ou objetos reconhecíveis), plástica (caso da textura e da cor) e de contorno (a borda ou linha que envolve a imagem; é de particular interesse para análise dos balões[...])”.

Os quadrinhos constituem um domínio discursivo, conforme a proposta de Marcuschi (2008), pois não abrangem um gênero em particular, mas dá origem a vários. Nesse sentido, seriam gêneros desse domínio as tiras em quadrinhos e as histórias em quadrinhos.

Esse gênero é produzido em processo, de uma interlocução em que aquele que o produz é sujeito que, em determinada situação, interage com um leitor, conduzido por um objetivo, uma intenção, uma necessidade de interação fundada principalmente nos acontecimentos corriqueiros que, traz um senso crítico como marca constitutiva desses acontecimentos.

Suas sequências predominantes são do tipo narrativas, conforme Bronckart, visto que os personagens tentam manter uma interação entre si ou com o interlocutor, compondo uma sequência de ações, contudo, muito recorrente também são as sequências dialogais e argumentativas.



Figura 1 - www.uol.com.br/laerte

Nessa tira (*Figura 1*), se nota que há toda uma situação narrativa caracterizada inclusive pelo aspecto não verbal (leitura de uma história num livro), uma complicação no 2º quadro e um desfecho no 3º. No entanto, também há aspectos dialogais percebidos no 3º quadrinho, em que o personagem busca claramente o interlocutor para dialogar e interagir, visto principalmente através do vocativo (“Ei”). Esse diálogo pode ser inclusive entre o personagem e o discurso advindo do livro que o personagem lê.



Figura 2 - www.uol.com.br/laerte

Na tira seguinte (*Figura 2*), apesar de ter resquícios narrativos, fica evidente também a intenção de convencer o interlocutor de que nem todas as repúblicas são “normais”, indício admitido pelo desfecho semiótico e verbal do outro quadro, ou seja, ao comparar os dois quadros que compõem a tira, se percebem dois posicionamentos distintos e, pelo apelo visual do 2º quadro, o seu autor deixa transparecer que prefere a primeira situação, embora também não seja tão a favor da mesma, pois as aspas deixam pistas de sua posição de desconfiança quanto ao que seja “normais”, como se tivesse figurando sinônimo de hipocrisia para a referida normalidade. Fica evidente a tomada de posição, característica própria das sequências argumentativas.

Outra recorrência observável, nas tiras em quadrinhos do *corpus* deste trabalho, são os enunciados com marcas interrogativas (ponto de interrogação), que funcionam apenas como canal de interlocução.

Tradicionalmente esses enunciados têm uma estrutura e uma relação semântica prototípica apresentada pelas gramáticas tradicionais com a finalidade de perguntar e receber uma resposta, seja afirmativa ou negativa. Outra marca (na escrita) que se enquadra nesse modelo é o ponto de interrogação no final do enunciado, quando se trata de perguntas diretas.

Nesse âmbito, outro grupo é o das chamadas interrogações que fogem desses padrões (na escrita), mas mantêm a marca de interrogação, no entanto, servindo para expressar admiração, indignação ou repreensão daquele que interroga e, às vezes, servindo como canal de interlocução. Fato que não é mencionado pelas gramáticas normativas adotadas em nossas escolas, embora isso ocorra nos contextos de uso. É o que se ver nas duas tiras seguintes (*Figura 3 e 4*).



Figura 3 - www.uol.com.br/laerte

No caso do enunciado “*E aí, escritor?*” da tira acima (*Figura 3*), a intenção é introduzir um contato com o interlocutor para em seguida fazer uma pergunta, ou seja, esse enunciado se apresenta como um prenúncio de uma interrogativa e não propriamente como uma. Na sequência, realmente se tem uma pergunta com resposta (“*Terminou minhas memórias!?!/ Sim, capitão*”).



Figura 4 - www.uol.com.br/laerte

No segundo quadrinho, da tira da *Figura 4*, vemos que no enunciado “*meio longe do mar, né?*”, o uso dessa partícula final é quem parece pressionar para um enunciado interrogativo, só que, funciona muito mais com intuito afirmativo do que interrogativo. Isso porque a intenção não é buscar uma resposta retórica, uma vez que o locutor já sabe uma possível resposta para a pergunta, atuando assim, com a função de recurso discursivo advindo do uso linguístico que está sempre se recriando e renovando nas práticas sociais, resultando assim, em construções sintáticas interessantes.

Ao que se dizem é que essa partícula (“*né*”) é uma marca constitutiva da fala, sendo transposta para a escrita desse gênero de modo natural, porque as adequações do gênero permitem, ajudando a compor os sentidos do texto. Leia e observe as construções sintáticas seguintes.



Figura 5 - www.uol.com.br/laerte



Figura 6 - www.uol.com.br/laerte

Nessa tira (*Figura 5*), observamos certa simetria entre as orações que compõem os enunciados, principalmente no 2º quadro. Essa simetria sintática se mantém no 3º quadro, mas semanticamente percebemos que um conectivo adversativo implícito liga a relação entre as falas dos personagens (quadros 2 e 3), o que mudaria a forma de classificação para a gramática que segue regras apenas sintáticas.

O que não teria nenhum problema no caso da tira da *Figura 6*, em que na troca de interlocutor entre o 2º e 3º quadros, a quebra de expectativa é marcada pelo conectivo adversativo.

Do ponto de vista da gramática normativa, as orações coordenadas podem ser classificadas como *assindéticas* quando as orações são justapostas e sem conectivos; e *sindéticas* quando as orações se ligam por meio de conectivos.

Assim, a oração “*Eu te falei...*” seria classificada como assindética, porém, no contexto semântico, isso não se sustenta. Essa relação semântica sugere uma expectativa no 2º quadro e logo é quebrada no seguinte, garantindo o senso de humor do gênero.

Caracteriza-se, nesse âmbito, o que Bronckart menciona a respeito das sequências nos diferentes níveis, em que, no nível semântico-pragmático, elas são fundamentalmente dialógicas, pois percebemos claramente, tanto visual quanto verbalmente, a relação entre dois interlocutores (“*eu*”, “*me*” e “*te*”). Já, no nível psicológico, as *operações discursivas* desenvolvidas se organizam em um conteúdo regular durante todo esse gênero selecionado (na *Figura 5*), no entanto, não representando caso prototípico e não representando o nível teórico.

Não podemos deixar escapar que as relações discursivas são dialógicas e, nas tiras em quadrinhos, isso não é diferente. O ato dialógico é um evento que acontece na unidade espaço-tempo da comunicação social interativa, como na *Figura 7* em que o cenário (espaço) marca uma época (atual), mas, o discurso, mesmo que expresse um

sentido figurado, aponta para época distinta. No caso, poderia dizer-se que ocorre uma intertextualidade, em que o termo “fada”, típico dos contos de fadas, é retextualizado num novo evento dialógico.



Figura 7 - www.uol.com.br/laerte

Esse evento se situa num contexto contemporâneo, pois os elementos visuais e o termo “Disk” direcionam para esse sentido. A “fada” não significa mais um ser emblemático e mágico (do bem), já a bruxa não traz um aspecto tão rabugento e asqueroso, embora com mágicas do mal e numa cor que, simbolicamente, remete a características que representam aqui a agilidade e a velocidade dos acontecimentos atuais.

Na Figura 8, o uso de um provérbio chinês, no último quadro, também ilustra as relações dialógicas dos textos e dos discursos, mostrando que estes não têm um sentido fixo, possibilitando um diálogo de várias culturas. O gênero textual é o repórter que transporta essa materialidade que produz significação e sentido num movimento que inclui o debate do sujeito e do outro e o contexto social.



Figura 8 - www.uol.com.br/laerte

Em Bakhtin, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem em que todo discurso dialoga com outros discursos e em toda palavra circula outras palavras.

Algumas Considerações

Destacamos, neste trabalho, a noção de gênero na visão de Bakhtin, sendo descrita sob o ponto de vista dos elementos constitutivos do gênero do discurso, além de seu caráter dialógico nas interações verbais. A ideia que se tem desses estudos não é que eles se tornem conceitos escolares, no entanto, é imprescindível considerá-los nas práticas pedagógicas do ensino de língua.

Dessas considerações fica claro que o objetivo principal dos estudos de Bakhtin foi contribuir para a explicação dos fenômenos sociais que ocorrem na e pela linguagem.

Como nos comunicamos e interagimos por meio de gêneros, independentemente, de seu ensino (conversas, lista de compras, conselhos, recado, comentários, telefonema, notícia, etc), as discussões sobre gêneros do discurso endossam a necessidade de estudá-los na ótica de outros paradigmas que não considere apenas a sua forma estrutural.

Já as considerações de Bronckart fazem refletir sobre o estudo do texto e do discurso de forma mais didatizada. Por essa via, levamos em conta o contexto das ações humanas que, por sua vez, produzem os mais diversos tipos de linguagem. Com base nos seus postulados, podemos ver que os gêneros de texto não se definem pelas unidades linguísticas. Ele defende a ideia de que o texto deve ser estudado com base em muitos fatores, dentre eles as condições de produção, campos e esferas discursivas, os papéis e a função social do sujeito na interação verbal.

Pelas análises, embora limitadas, observamos que o gênero discursivo/textual tiras em quadrinhos dá margem a um universo muito vasto de conteúdos e estilos verbais. Nesse âmbito, percebemos que os discursos são regidos conforme a contextualização das ações humanas de acordo as esferas de atuação social, assumindo, portanto, posturas materializadas nas formas linguísticas.

Nessa direção, os recursos linguísticos tomam como base aspectos sintáticos semânticos e pragmáticos, enquanto as gramáticas normativas se embasam prioritariamente no primeiro aspecto para caracterizar suas análises.

De modo geral, as análises mostram que considerar apenas a forma do gênero discursivo/textual não é suficiente para considerá-lo como elemento que participa das nossas práticas de comunicação e atuação social, pois, sendo assim, as relações de

significação e sentido ficam excluídas, evidenciando o gênero discursivo/textual apenas como algo mecânico e estático.

Desse modo, o gênero discursivo/textual tiras em quadrinhos, além de muito receptivo, nas salas de aula, oferece um amplo leque de investigação, tanto no âmbito discursivo, voltado para a produção de sentido, como no âmbito semiótico, que não é o caso desse trabalho.

Acreditamos que as análises feitas possam ao menos acrescentar uma reflexão voltada para o modo de ler o gênero tiras em quadrinhos, de modo que possa estimular uma especulação sobre os processos enunciativos desse gênero (na dimensão bakhtiniana), rompendo com paradigmas das análises tradicionais, trazendo à tona uma nova forma de abordar o gênero discursivo/textual no âmbito do contexto escolar (próprio da visão de Bronckart).

Fato esse que, ao somar-se com os consolidados estudos na área, possa contribuir por ocasião do fluxo de divulgação, recriação e colaboração do pensamento teórico e não pelo caráter de novidade.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo. Martins Fontes, 2000. p.279-326.

_____/VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. [Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira]. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRONCKART, Jean-Paul. Os textos e seu estatuto: considerações teóricas, metodológicas e didáticas. In: _____. **Atividades de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Editora da PUC-SP/EDUC, 1999. p.69-89.

BRONCKART, Jean-Paul. Os tipos de discurso. In: _____. **Atividades de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Editora da PUC-SP/EDUC, 1999. p.137-149.

MACHADO, Irene. Os gêneros e a ciência dialógica do texto. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (Orgs.). In: **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007 p.193- 230.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH. (Orgs.) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.237-259.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais no ensino de língua. In: _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008. p.146-225.

RAMOS, Paulo Eduardo. **A leitura dos quadrinhos**. 1. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. Funcionamento do gênero do discurso. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 54-67, 1º sem. 2010.